"É o modelo de Agricultura Familiar que traz e incorpora efectivamente os jovens e as suas famílias no Mundo Rural"



José Miguel Gonçalves "sempre quis ser agricultor". Hoje, com 49 anos e depois de vários anos de formação na área agrícola, produz mirtilos em Modo de Produção Biológico, numa área de dois hectares, situada no concelho de Cinfães, em plena Serra de Montemuro. Instalou-se como jovem agricultor há 9 anos e afirma que é a Agricultura Familiar o modelo capaz de fixar jovens nos territórios rurais, mas para isso é necessário resolver o problema dos baixos rendimentos da actividade agrícola.

Voz da Terra: Quais os motivos que o levaram a enveredar pela actividade agrícola?

José Gonçalves: Em primeiro lugar o gosto pela actividade agrícola. Desde cedo quis dedicar-me profissionalmente à agricultura e daí ter feito o ensino secundário na Escola Profissional Agrícola Conde de São Bento e posteriormente ter tirado o curso de Engenharia Agro-pecuária na Escola Superior Agrária de Coimbra. A outra razão foi a questão financeira e a de encontrar outras fontes de rendimento para além do trabalho por conta de outrem.

VT: Como decorreu o processo de candidatura aos apoios do Programa de Desenvolvimento Rural?

JG: Foi um processo complicado, pela burocracia inerente e pelos tempos de aprovação, que são demorados.

VT: Principais dificuldades que encontrou antes da instalação, durante e actuais?

Os principais problemas que tenho tido são ao nível fiscal, da fitossanidade e da comercialização.

Ao nível das questões fiscais, durante o processo de instalação produziram-se alterações das regras fiscais que poderiam ter colocado em causa o projecto, como por exemplo passarem a considerar 75% das ajudas ao investimento como rendimento para efeitos de IRS. Depois tive problemas fitossanitários, em que dois terços das plantas de mirtilo adquiridas estavam contaminadas com *Phytophthora* e a lei protege os viveiristas porque considera as plantas permanentes (no acto da compra) como um bem móvel e, como tal, há apenas 6 meses para reclamar, ou seja, tive que fazer a reposição do pomar às minhas custas porque o viveirista não assumiu qualquer tipo de responsabilidade.

Ao nível das questões comerciais todos os anos é um verdadeiro desafio, a fruta tem de ser colhida no momento certo e tem de ser entregue nesse mesmo dia, uma vez que não possuo instalações de frio, ao mesmo

tempo, quase todas as semanas a situação do mercado se altera em termos de oferta e procura e, consequentemente, em termos de preços.

Aqui a qualidade é um aspecto fundamental, principalmente quando começa a haver excesso de fruta no mercado. Depois há sempre a dificuldade de suportar todas as despesas de manutenção até que o projecto esteja totalmente desenvolvido, consolidado e seja rentável.

VT: Fez algum estudo de mercado para avaliar a capacidade de escoamento dos produtos? Como comercializa a sua produção?

JG: Não fiz propriamente um estudo de mercado. Fiz várias pesquisas e estudei diferentes possibilidades. Eu faço venda directa, já comercializei por via de uma associação de produtores de pequenos frutos que criamos na região mas que acabou por fechar por diversas razões, e hoje escoo a produção principalmente por dois ou três comercializadores, alguns deles também produtores de frutos vermelhos.

A questão de estar no Modo de Produção Biológico, mais do que uma questão de preço, tem importância na diversificação das possibilidades de escoamento.

VT: No processo de elaboração e instalação, teve algumas preocupações ambientais e sociais?

JG: Sim, como disse a produção está certificada no Modo de Produção Biológica.

VT: Que perspectivas tem em relação ao futuro da sua exploração, agora que já passaram os cinco anos de duração do projecto?

JG: As perspectivas de momento são boas. No ano passado tive uma boa rentabilidade e este ano as expectativas são igualmente boas, prevendo ultrapassar as 10 toneladas de mirtilo comercializado. Agora na agricultura tudo pode mudar de uma hora para a outra, é uma profissão de alto risco, não só por toda a instabilidade nos mercados, mas também pelas questões climáticas, pragas e doenças, para além das questões das regras fiscais que constantemente estão a alterar.

VT: Portugal tem a população agrícola mais envelhecida da Europa (UE28). Na sua opinião, o que dificulta o rejuvenescimento do tecido agrícola e o que é necessário para que mais jovens se incorporem com sucesso na Agricultura?

JG: Eu penso que para além de incorporar é necessário manter quem se incorpora para além dos 5 anos e é o modelo de agricultura familiar que traz e incorpora efectivamente os jovens e as suas famílias no mundo rural, não é a agricultura industrial, e como tal é necessário solucionar a perda de rendimento de que padece a agricultura familiar. Sem que tal aconteça grande parte dos processos de instalação continuarão a falhar.



VT: Que benefícios espera obter com o Estatuto da Agricultura Familiar, que entrou em vigor em Agosto de 2018?

JG: Aqueles que estão previstos no Decreto-Lei que estabelece o estatuto. A verdade é que muitos dos benefícios previstos aí estão por regulamentar. Outro problema são os critérios de elegibilidade que são muito apertados e que fazem que num ano um agricultor seja elegível e no ano seguinte já não o seja, por exemplo, em virtude dos dados da declaração de IRS do ano anterior.